



NA COMUNICAÇÃO, A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA¹

IN COMMUNICATION, THE AESTHETIC EXPERIENCE

José Luiz Braga²

Resumo: *O artigo assume dois objetivos: especificar uma relação entre estética e os processos comunicacionais da sociedade; e acionar essa articulação para abordar as posições negacionistas no cenário contemporâneo. O texto se organiza a partir de perspectiva proposta pelo autor sobre o horizonte epistemológico da práxis comunicacional. Desse horizonte de visada heurística, o processo comunicacional da experiência sensível é observado como investimento criativo, central para uma dialética entre transformação e estabilidade. A perspectiva é direcionada, então, para a questão do negacionismo, por uma observação das condições de anomia em que participantes sociais se tornam disponíveis para convicções dogmáticas, fechando o caminho do investimento criativo.*

Palavras-Chave: *Horizonte Comunicacional; Investimento Criativo; Experiência Sensível; Processadores da Comunicação; Negacionismo*

Abstract: *This article has two objectives: to specify a relationship between aesthetics and the communication processes of society; and to use this articulation to address denialist positions in the contemporary scenario. The text is organized based on the perspective proposed by the author about the epistemological horizon of communicational praxis. From this horizon of heuristic scope, the communicational process of sensitive experience is observed as a creative investment, central to a dialectic between transformation and stability. The perspective is then directed towards the issue of denialism, through an observation of the conditions of anomie in which social participants become available for dogmatic convictions, closing the path to creative investment.*

Keywords: *Communicational Horizon; Sensible Experience; Creative Investment; Communication Processors; Denialism*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Experiência Estética. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba – PR. 10 a 13 de junho de 2025.

² Professor Visitante na UFG; Professor Emérito da Unisinos. Doutor em Comunicação. bragawarren@gmail.com



“A experiência sensível constitui e é constituída por processos comunicacionais. Como pensar essa dimensão em um cenário contemporâneo de posições negacionistas e de ascensão do fascismo?” (do tema da mesa “Epistemologias do sensível: sustentar o comum”, Seminário, 2024).

1. Introdução

Nosso primeiro objetivo é refletir sobre a proposição inicial da epígrafe: “a experiência sensível constitui e é constituída por processos comunicacionais”. É o objetivo que fornece o título do artigo³. Além de reiterar o que a epígrafe diz, implica o propósito de assinalar características da presença do estético na comunicação (em todo caso, na minha perspectiva sobre comunicação).

O segundo objetivo decorre da outra parte da epígrafe: como os processos do cenário contemporâneo desafiam a dimensão tratada? Essa questão permite dar substância praxiológica ao elemento da experiência sensível no exercício da comunicação – complementando, assim, características dessa presença constatada.

Com estes dois eixos, organizo o artigo nos itens a seguir explicitados. Inicialmente, apresento uma síntese de pontos centrais de meu estudo atual, em que proponho, como perspectiva comunicacional, um horizonte epistêmico voltado para alcançar e compreender a diversidade de processos e temas que compõem, em modo plural, o campo da comunicação.

Como item subsequente, desenvolvo o primeiro objetivo, apontando características da experiência sensível no processo diversificador da comunicação humana e social; e mostrando seu investimento criativo na geração e acionamento dos processos e dos processadores comunicacionais que a espécie humana desenvolve.

Os dois itens seguintes – sobre o cenário contemporâneo e sobre as bolhas da internet – buscam atender ao segundo objetivo, observando desafios que a contemporaneidade faz incidir sobre a práxis social. Esse enfoque sobre uma situação empírica traz mais uma camada de reflexão ao primeiro objetivo, de percepção sobre a experiência sensível.

³ O título repete a estrutura do que Hermundes Flores, jurista e Doutor em Comunicação, propõe para observar outra inscrição – no Direito, a Comunicação. A fórmula mostra bem a percepção de uma presença intrínseca e significativa. Sobre ser pertinente para nosso tema, sua adoção aqui expressa a admiração que tenho pela perspicácia do colega, a quem agradeço a ideia.

2. Um horizonte epistêmico para o estudo da comunicação

Minha pesquisa em andamento (Braga, 2022; 2023) não busca essências do fenômeno nem propõe uma teoria geral – se dispõe, diversamente, como uma abordagem de enfoque heurístico sobre a própria diversidade dos processos comunicacionais na práxis social.

Quando tratamos da comunicação humana em termos epistemológicos, um aspecto que frequentemente sobressai é o problema de articular singularidades, dada a evidência da diversidade da espécie. A afirmação “somos diversos” é verdadeira – mas incompleta. Faço um movimento adicional: de modo mais relevante e abrangente, *somos diversificadores*.

Como horizonte epistêmico, considero “comunicação” todo e qualquer gesto, todo e qualquer processo, ou mesmo simples tentativa de processo, voltado para enfrentar esse desafio, de articular singularidades de participantes e grupos – que se modificam no curso de suas experiências na práxis social. O desafio comunicacional implica a necessidade de articular singularidades moventes.

A perspectiva busca uma linha de conexão entre o desafio posto pelas competências diversificadoras da espécie e a infinidade processual dos gestos comunicacionais. Embora a variação possível de gestos seja infinita, na práxis social construímos processos que acabam se estabilizando, simplesmente porque funcionam. A práxis social repete o que, em circunstâncias parecidas, foi eficaz – o que leva a estabilizar modos de ação, na forma de “cultura estabelecida” (ainda quando esse funcionamento deixe a desejar em qualidade e resultados). A proliferação se organiza, assim, por uma expectativa de contextos estáveis. Mas, diante de acontecimentos singulares, vamos ainda modificando, conforme inventamos variações – ou conforme os participantes não atendidos reclamem novos gestos e processos. Outras ações, também comunicacionais, se voltam para seleções dentre as variações surgentes.

Os aspectos estáveis (válidos ou criticáveis), assim como as tentativas de transformação, abrem então um espaço de estudo possível sobre o desafio comunicacional – porque podemos analisar situações socialmente dadas. Podem ser estudadas as dinâmicas internas e contextuais que movem as diversificações, assim como as tentativas de conservar o estabelecido resistindo à mudança. Podem ser observadas as características de suas articulações; e os aspectos em que se mostram criticáveis – em tensionamento ou em ruptura. É possível, ainda, acompanhar o encaminhamento tentativo de novas estabilidades, buscadas pelo jogo de variações que tentam

seleção e inscrição na cultura social, assim como as estratégias com que enfrentam tensionamentos.

Vamos caracterizar as situações geradoras de experiências em dois tipos principais. Nas mais diversas ilhas de estabilidade e reiteração de gestos, acontecem urgências e são iniciados projetos. Urgência é o que nos cai em cima, no ambiente social ou natural, e temos que diversificadamente enfrentar. Projetos são decisões de ação em comum para alcançar objetivos surgidos e criados nos contextos da experiência humana. Essas duas situações podem ser independentes, é claro; mas não é raro que urgências desenvolvam a necessidade de projetos e que projetos produzam urgências.

Tais situações geradoras, comunicacionalmente elaboradas, são identificadas em grande diversidade pelos pesquisadores da área – que investigam aí as tentativas comunicacionais que se exercem na práxis social, pedindo estudos diversos.

Em todas as paisagens desse horizonte epistêmico da comunicação, é possível constatar a presença (e atividades) da experiência sensível. Que não envolve apenas nossa relação singular com o acontecimento – mas também essa relação perante um fundo contextual estabelecido, no qual nós e o acontecimento nos inscrevemos e sobre o qual buscamos agir.

Imbricada à parte ordenada que se caracteriza por práticas estabelecidas e gestos previsíveis na cultura, constata-se uma parte “em aberto”, que os padrões estabelecidos não resolvem. Essa parte aberta é necessária para o ajuste do gesto à singularidade das circunstâncias, no processo em desenvolvimento, para o enfrentamento de situações novas ou inesperadas, ou para contextos não habituais – em suma, para qualquer ação que não disponha de respostas prontas ou de regras de encaminhamento evidentes. Temos, então, em síntese, no trabalho da composição:

- processos sistematizados, envolvendo procedimentos habituais, padrões, elementos reconhecíveis, que pertencem ao contexto;
- e uma parte inventiva, de criação, de ajuste ao contexto e de seu enfrentamento, envolvendo competências da espécie para lidar com o inusitado, com o não previsto.

Esse elemento de “ajuste e enfrentamento”, central na comunicação, envolve intuição, inferências abduativas, sintonia, empatia, percepção de ambiente, sensibilidade – e tudo o mais que, não regrado, é disponível no acervo perceptivo/criativo da espécie humana. São competências de ordem biológica, mas que só se desenvolvem por aprendizagem contextual,

formando um conhecimento de senso comum, em termos de habilidades e gestos em contextos sociais.

Esse conjunto de competências é o mesmo acionado na experiência sensível e na fruição estética (e certamente, também, na criação artística). Quando é acionado na interação humana, no enfrentamento do desafio da articulação de singulares – ou seja, como gestos de comunicação – implica um investimento de ordem criativa, que se exerce tanto na fala e no gesto como na escuta e na interpretação.

*

A perspectiva e as características assinaladas não definem nem explicam ocorrências específicas – apenas mostram dimensões possíveis destas. Podem, assim, ser postas em forma de perguntas, a serviço de pesquisas específicas muito diversas. Esse modo de apresentar as questões permite testar as possibilidades heurísticas da elaboração proposta. Exemplifico por algumas questões que podem ser derivadas do horizonte que trabalhamos neste artigo:

Como os participantes (em provável diversidade interna) tentam articular suas singularidades, de modo a enfrentar a urgência, a fazer caminhar o projeto?

Que estratégias são acionadas para manter o estabelecido?

Que tensionamentos surgem e como são enfrentados?

Que variações se exercem como investimento criativo?

Que ações direcionam projetos ao contexto e às estruturas vigentes?

Como os diferentes contextos de inserção selecionam entre as diversificações surgentes?

De um modo mais abrangente: como se manifestam os dois aspectos compostos, de gerar transformação e buscar estabilização processual?

São questões que podem se combinar com outras perguntas, específicas, solicitadas pelas muito diversas linhas de pesquisa que se desenvolvem no campo da comunicação.

*

Temos, até aqui, a constatação da experiência sensível como efetivamente integrante do processo comunicacional; reflexão que atende parcialmente ao primeiro objetivo, ao expressar seu aspecto constitutivo como parte intrínseca deste. Para completar esse objetivo, o próximo item deve assinalar ao menos algumas características dessa participação no processo diversificador da comunicação humana e social.



3. O investimento criativo

A perspectiva de investimento criativo (da experiência sensível e da comunicação) envolve competências de ordem biológica acionadas em circunstâncias sociais. Na práxis social, a capacidade neurológica é direcionada diversificadamente, em função dos acontecimentos que demarcam a experiência pessoal e das urgências e projetos que pedem reações e gestos de impulso criativo, de investimento ativo.

Exercem-se assim aquelas potencialidades de sintonia, de intuição, de abdução, já como gesto da ordem da comunicação – em que competências biológicas podem ser transformadas em habilidades e saberes práticos enquanto ocorrência diretamente social.

Para o entendimento dessa base biológica em seu exercício socialmente criativo, encontro uma referência em Elkhonon Goldberg, neurologista, citado por Oliver Sacks (2010, p. 91-96), também neurologista, mas com prática de pesquisas em modo antropológico. Goldberg, nos anos 70, faz uma proposta integradora de funções neurológicas dinâmicas, correlacionadas. O hemisfério direito assume o tratamento de situações inusitadas, para as quais o indivíduo não dispõe de “sistemas descritivos”⁴ estabelecidos. O hemisfério esquerdo trabalha situações para as quais o cérebro já dispõe desses padrões definidos.

Os dois hemisférios combinam suas atividades na conjunção das duas possibilidades. Diante de situações inusitadas, a estrutura neuronal do hemisfério direito é levada a fazer elaborações tentativas, acionando competências intuitivas ou abduativas, desenvolvendo hipóteses reflexivas e/ou pragmáticas para seu relacionamento com o inusitado. A pessoa chega assim a um nível de decisão sobre o que é a situação e como agir. Ainda que hipotética e tentativamente, organiza algum enfrentamento do desafio, a partir da própria experiência em curso.

Uma vez estruturada essa reflexão, a experiência passa a ser tratada pelo hemisfério esquerdo – responsável por estruturas ordenadas, agora como instância paradigmática – permitindo o enfrentamento de situações similares por um padrão mais ou menos definido.

Mas o processo pode, também, se iniciar do lado esquerdo do cérebro. Diante de uma situação típica, reconhecida na experiência acumulada do indivíduo, este aciona suas estratégias

⁴ Além da linguagem verbal, linguagem matemática, notação musical, mapas e quaisquer outras codificações para apreensão de aspectos da realidade física ou social.



habituais. Ao fazê-lo, pode constatar alguma incongruência, que não se resolve segundo suas expectativas. Essa incongruência é então repassada ao hemisfério direito para geração de novas hipóteses ajustadoras, renovadoras ou substitutivas⁵.

Embora hoje se conteste a atribuição de funções específicas a setores muito definidos do cérebro, no aspecto que nos interessa não faz diferença se o duplo processo se distribui ou não em dois locais diversos do cérebro, pré-definidos – pois o que importa efetivamente é a sequencialidade dinâmica entre o tratamento neuronal do inusitado, em termos tentativos, e o exercício de padrões estabelecidos. Mais ainda: é relevante a percepção de que esses dois processos se alimentam mutuamente, com uma potencialidade de ida e volta – como um jogo de tênis, em que a tarefa é mutuamente reenviada, conforme as circunstâncias – constantemente buscando o estabelecido, mas também mantendo aberta a possibilidade diversificadora, que assinalamos como central para a espécie.

Minha perspectiva epistêmica sobre o processo comunicacional sintoniza com a proposta de Goldberg (Braga, 2017). Observamos ilhas de estabilidade de modos de ação na cultura constituída; e urgências e projetos que, ao sair de caminhos batidos, levam a ações comunicacionais diversificadoras do estabelecido.

Dois reparos, entretanto, devem ser feitos para ajustar a proposição de Goldberg a uma perspectiva propriamente comunicacional.

O primeiro reparo consiste em distinguir entre nosso acionamento e a proposta de Goldberg quanto ao enfoque de conhecimento. O autor concentra sua atenção no sistema neuronal e, portanto, nas ações do indivíduo. No que diz respeito a nossas reflexões, trata-se de repassar o processo – sem abdicar da instância individual e biológica – para o âmbito social.

Nossas situações, inusitadas ou estabilizadas, não se circunscrevem ao interior do pensamento individual. São ocorrências sociais, envolvendo participantes com variedade de interpretações e diversidade de apego a padrões e a projetos. Com a complexidade maior e com o desafio da interação entre participantes singulares, repassa-se ao social a dialética entre o estabelecido e a transformação, assim como a geração de processos tentativos de ordem intuitiva ou hipotética – hipóteses que se põem agora já não apenas no interior de um sistema neuronal e sim na práxis social, *pela comunicação*.

⁵ Tratando de dispositivos, Foucault assinala a necessidade de reajustes perante novos elementos heterogêneos da realidade, levando a um “perpétuo preenchimento estratégico” (1994, p. 299).



No enfoque neuropsicológico trabalhado por Goldberg, a elaboração corresponde a tentativas, com possíveis hesitações sobre modos de enfrentamento do inusitado (basicamente por processos abduativos). Na situação comunicacional, variações abduativas correspondem a interpretações, posições e preferências de participantes diferentes, implicando um processo de tensões antes de gerar uma variação composta, ou diversas variações em disputa por escolha e ativação; e o resultado retorna ao sistema neuronal dos participantes.

Mostra-se, assim, a continuidade entre “sistemas psíquicos” e o “sistema social” – em contraste com o argumento de Luhmann, que isola e apenas “acopla”, por tensões de fronteira, os dois sistemas (1997, p. 63)

O segundo reparo diz respeito aos “sistemas descritivos” de Goldberg. Como o autor, em perspectiva neurológica, enfatiza a apreensão do mundo e das situações de sociedade, encontra na expressão “sistemas descritivos” conexão suficiente para a relação entre sistema neuronal (pensamento) e realidade observada (situações). O sistema descritivo apreende a realidade com base em sua estrutura, construída e testada em experiências anteriores.

Quando, entretanto, trazemos o processo da relação pensamento-mundo para a relação entre participantes sociais sobre o mundo, a expressão “sistema descritivo” já não é suficiente. Não basta aos participantes apreender uma situação – na experiência social, sofremos e agimos *em interação* sobre o acontecimento no mesmo gesto em que tentamos interpretá-lo.

Todas as estruturas sociais são âmbito para processos comunicacionais. Nessas estruturas, os dois aparatos transversais mais diretamente pertinentes para nosso tema são os sistemas culturais e os processadores comunicacionais.

Hannah Arendt (2018, p. 231-233) assinala a imprevisibilidade das ações humanas – tanto no que se refere à diversidade possível de iniciativas, como nas consequências destas. Assumo que o remédio interacional para enfrentar essa imprevisibilidade é o desenvolvimento de sistemas culturais – múltiplos, na história e no espaço geográfico, e diversificados em uma mesma cultura compartilhada (ver Braga, 2023, p. 11). Para os efeitos da presente discussão, assinalo a característica dos sistemas culturais como estruturas de estabilidade e previsibilidade para as ações da comunicação. O processo cria padrões referenciais para a ação humana, mesmo quando esta se volta criticamente sobre a própria cultura.

Além disso, os processos comunicacionais são o instrumental de ação humana, para cotejar, argumentar, trocar informações, deliberar, persuadir, perceber, apreender e aprender,





auscultar situações e suas dinâmicas, criar e ponderar. Os participantes desenvolvem, mais que sistemas descritivos, *processadores comunicacionais*, que qualificam a processualidade interacional ativa em relação ao mundo.

O campo da comunicação percebe bem tal tipo de sistema ao estudar os meios de comunicação – são efetivamente processadores, socialmente desenvolvidos com tal objetivo. É preciso, entretanto, ir além da medialidade, ao mesmo tempo evitando ampliar a denominação “meios” (e a ação de medialidade) para outros processadores. É mais exato assinalar a diversidade substancial de tais sistemas – comunicacionalmente elaborados – que por sua vez favorecem nossa comunicação.

Os processadores exercem diferentes processamentos ou *modos processuais*. Além da medialidade, há linguagens, estratégias e ambientes (que direcionam as táticas aí ocorrentes). Exemplos: a fala, a escrita, música, Libras (são linguagens); rádio, internet (meios tecnológicos); sala de aula, biblioteca, mesa de bar (ambientes); jornalismo, argumentação, deliberação, literatura, teorias (estratégias). Essas categorizações apenas enfatizam o modo principal. Cada processador pode ativar diferentes modos – uma linguagem aciona diferentes estratégias; os meios elaboram suas linguagens próprias; um ambiente, suas medialidades.

É frequente enfatizar o processo comunicacional como usuário dos processadores, como se comunicação apenas surgisse a partir de linguagens, estratégias e meios – sem dar atenção ao investimento criativo que é a invenção social do próprio processador. Considero, inversamente, que a comunicação é um primeiro: *gera os processadores*, para utilizá-los então como sistema estabelecido de comunicação. Remeto o leitor ao artigo (Braga, 2023) em que detalho essa perspectiva a respeito dos processadores comunicacionais.

Em todos os processos, assumimos a mesma lógica de elaboração – a partir de urgências e projetos, a comunicação humana gera os padrões pertinentes para viabilizar composições de mesma ordem. Assim, o investimento criativo está sempre presente, nos mesmos modos pelos quais Goldberg compõe seus dois movimentos neurológicos: a invenção tentativa de padrões a partir de requerimentos da situação; depois, seu uso habitual – que entretanto retorna ao investimento criativo sempre que o padrão estabelecido requer ajustes ou revisões.

É relevante não correlacionar estritamente os processos de sistematização à razão; e os da experiência singular apenas à sensibilidade. Uma simplificação desse tipo reforçaria um dualismo redutor da complexidade do processo comunicacional.





Devemos perceber que tanto no espaço das sistematizações (culturais, por exemplo) como no âmbito do investimento criativo (artístico, ou na simples convivência humana) há, imbricados, elementos racionais e elementos de sensibilidade estética.

“Ser sensato” é a racionalidade do senso comum, onde se confunde com os processos sensíveis, e não se pode dizer que essa “razão sensível” seja um critério menor para projetos de composição de singularidades e para o gesto comunicacional, em tais circunstâncias. Particularmente quando esses projetos buscam resistir, em padrões éticos, a ações que possam ferir o esforço civilizacional.

Assim, o investimento criativo envolve um aspecto afetivo, de sensibilidade; e um aspecto de racionalidade, preparando modos de entrada no contexto, para se integrar, para modificar ou substituir – sob o risco de ineficácia, de falta de coerência ou de crença contrafactual. É no esquadramento das situações específicas e dos processos comunicacionais aí em curso que se poderão aquilatar as proporções e as características específicas com que os padrões estabelecidos e os investimentos criativos acionam aspectos sensíveis e intuitivos e aspectos racionais “locais” – compondo assim a experiência singular.

*

Assinalamos, até aqui, nossa percepção de características do processo comunicacional e da presença necessária da experiência sensível. Podemos agora buscar o segundo objetivo do artigo, que é o de observar tais características já não em perspectiva abstrata, e sim voltada para uma abordagem de desafios da interação no cenário contemporâneo.

4. O cenário contemporâneo

Para encaminhar o segundo objetivo deste artigo, devemos então apreender as condições sociais da ascensão do fascismo *em suas características comunicacionais*, incluindo os aspectos relacionados à experiência sensível. Começo por uma reflexão sobre o cenário abrangente no qual a questão se instala. No item subsequente, observo algumas características das bolhas da internet.

Já nas décadas finais do século 20 constatávamos mudanças de rumo em diversos campos sociais, trazendo problemas e questões para as quais não temos respostas ou encaminhamentos definidos, sequer em nível tentativo.





O capitalismo, desde sempre baseado na expansão constante de suas atividades, como lógica estrutural de funcionamento, se desdobra em uma ênfase financeira e rentista que não tem condições de sustentar sequer a falsa promessa de uma futura distribuição igualitária que seria assegurada por aquela suposta expansão continuada. O meio ambiente se deteriora em modo acelerado em consequência de processos econômicos agressivos sobre a natureza.

As apartações sociais mais diversas, no mundo, geram revoltas e reivindicação, com reações opressoras em resposta. As culturas dos países que sofreram colonização, às vezes até a metade do século 20, são avassaladas pela opressão pós-colonial, em sua manutenção por uma circulação econômica globalizada expropriadora, produzindo ondas de emigração que por sua vez encontram uma reação defensivo-agressiva nos países “desenvolvidos”.

O extraordinário desenvolvimento das tecnologias da circulação comunicacional abre acesso a todas as vozes – sem que isso, entretanto, corresponda a uma escuta correlata nem a processos deliberativos pertinentes, nem a seleções ponderadas perante essa profusão caótica.

Contrariamente à opinião de muitos nos anos 80 e 90 (inclusive cientistas), esse acesso à fala não leva a uma ampliação da democracia nem da cidadania comunicacional. Ao contrário, as redes sociais digitais se multiplicam em contextos solipsistas, com um espalhamento que acelera incompreensões mútuas – ou se somam em uníssono obscurantista.

Além disso, essa circulação ampliada (embora trazendo, é certo, um acesso a todas as informações) põe em co-presença sistemas, processos, objetivos tão diversos que, perdida a proteção de seu relativo distanciamento anterior, se expõem agora ao atrito dos demais sistemas, fora de qualquer elaboração crítica ponderada.

Mais recentemente, a chamada inteligência artificial propõe uma terceirização de processos seletivos, ao “automatizar” respostas com base nos padrões estatísticos do já dado, descartando interpretações mais ajustadas a diferentes ambientes de escolha – e arriscando estiolar as competências diversificadoras da espécie.

São apenas alguns exemplos, suficientes entretanto para assinalar que a situação do mundo se apresenta, como consequência, em modo de instabilidade e inusitado, dificultando uma referência segura a sistemas culturais ainda vigentes e desnortando as reivindicações críticas do estabelecido – que apenas se esgarça sem efetiva transformação.

Essa situação abrangente se mostra como caracterização específica do desafio comunicacional na atual quadra histórica. É claro que continuamos a ter questões, urgências e



projetos os mais diversos, correspondendo à complexidade de mundo – alguns mais afetados, outros menos, por estas circunstâncias gerais. Alguns setores mantêm a eficácia de seus processos habituais, outros podem mesmo encontrar caminhos renovadores. Mas é inegável a presença e a ampliação dessa instabilidade. Uma das respostas a esse desafio assume uma forma autoritária e recusadora da complexidade, que se caracteriza como ascensão fascista.

5. As bolhas na internet

As bolhas de apoio à extrema direita, como ambiente de circulação do discurso negacionista, são o lugar empírico de maior evidência para captar as lógicas comunicacionais dessa presença incômoda na cultura e na democracia.

Vamos observar alguns indícios bastante evidentes para caracterizar a processualidade comunicacional e, nesta, aspectos da experiência sensível e do investimento criativo.

Os participantes

Os participantes das bolhas são pessoas muito diversificadas – entretanto, por características externas à sua visão de mundo unificada. Pertencem a todas as classes sociais; com diversidade de profissões; com e sem formação universitária; jovens e idosos; homens e mulheres; prováveis beneficiários de um regime autoritário e futuras vítimas.

Sem correlação necessária com essas características sociológicas, percebemos dois modos principais de participação. Primeiro, um grupo largamente majoritário de *envolvidos*, relevantes para o processo sobretudo pelo número e pela intensificação da circulação (que passa a ocupar um vasto espaço da interação social).

O que demarca esse subconjunto é uma espécie de pensamento único de apoio a posições autoritárias, antidemocráticas, sem um projeto muito definido senão o de desmontar “o sistema”. Podem ser considerados “os enganados”, pois, sendo solicitados por seu peso eleitoral, em função do critério democrático de formação de maioria, caso a democracia fosse descartada perderiam, *ipso facto*, seu peso coletivo.

O outro modo é o das pessoas diretamente interessadas no projeto autoritário, com uma percepção definida dos ganhos que terão por uma tomada do poder, em termos de domínio, de posições e de benefícios econômicos. São também diversificados, mas a diversidade é diretamente relacionada àqueles ganhos possíveis. São também conscientes dos níveis de





agressividade que podem imprimir ao processo, assim como das possibilidades de atração de aliados interessados em seus objetivos político-econômicos.

Se o primeiro modo pode se referido a participantes *fechados no interior das bolhas*, o segundo modo é o dos que, tomando parte na formação e na circulação das bolhas, não estão contidos nos limites destas – se caracterizam antes como seus orquestradores. Naturalmente, não pretendo que “enganados” e “orquestradores” esgotem todas as possibilidades de variação (ou que inexistam situações mistas). Há os simplesmente desavisados, os preocupados com pequenos privilégios, os defensores de um estado teocrático (entre outros, ainda) – que se distribuem, porém, na proximidade de uma ou da outra posição.

A disponibilidade participativa

A disponibilidade participativa dos orquestradores é bastante evidente – são movidos por uma vontade de poder sem nenhuma paciência para as sutilezas da deliberação democrática nem para com vozes discordantes.

A disponibilidade do outro grupo é menos óbvia, até porque não explicitam muito claramente o que pretendem como reivindicação. Um texto conhecido de Umberto Eco (1995) referindo-se ao ur-fascismo (mas naturalmente informado pela experiência italiana do período de Mussolini) propõe a hipótese de uma motivação caracterizada pelo ressentimento ou frustração. É uma boa percepção, mas talvez a ênfase no ângulo psicológico reduza a atenção sobre o aspecto das respostas socialmente produzidas.

Na situação abrangente de indefinição, com a diversidade de questões “novas” e a insuficiência de respostas, desenvolve-se a sensação de que reivindicações da sociedade, atomizadas, se dispersam. Paralelamente, uma repentina ampliação de informações crescentemente diversificadas torna o mundo menos compreensível, em meio a uma profusão de vozes, algumas das quais são seguidas, enquanto a maioria não tem acesso ou não chega até a esquina. Tudo isso gera uma profunda anomia, um desalento que impede o enfrentamento de urgências (mal compreendidas) e esvazia a potencialidade criativa de projetos – levando a uma incompetência social para gerar formulações de enfrentamento em comum.

A participação na bolha cria uma expectativa de mudança que, de algum modo, promete afastar o desalento e eliminar a anomia. Cria disponibilidade para um “projeto pronto” que nem precisa se explicitar em substância.





A processualidade indutora

Sabemos, é claro, do alto índice de *fake news* que alimenta a circulação das bolhas negacionistas. O que faz sua força não é apenas o fato de serem falsas em ângulos que levam a uma tomada de posição mal-informada. O processo funciona também pela geração de um contexto abrangente e reiterado, construindo uma percepção de conjunto, abrangente e difuso, no qual os incautos não examinam validades – apenas se envolvem no ambiente em que o adversário (“o sistema”) é reiteradamente construído sob medida, deixando pouco espaço para uma imagem mais realista e matizada.

O processo funciona, ainda, pela intensidade da circulação: se eu penso que muitas pessoas têm uma determinada perspectiva sobre as coisas, minha probabilidade de sintonia é maior do que se apenas ouço o mesmo de poucas vozes definidas. A intensidade é uma potência do processo que estimula o espírito gregário da espécie – o pertencimento.

Essa tendência se reforça por seu contraste com a anomia, na qual o participante justamente se sentia sem um lugar de inserção em um mundo não compreensível. Participar da construção de um adversário imaginado cria um espaço designado para estimular essa sensação de pertencimento.

Além disso, o processo dispensa uma argumentação que viabilizaria o contraditório. Seria difícil e arriscado elaborar argumentos contrários aos valores democráticos. Em vez disso, inverte-se a visada: os negacionistas usam proposições pretendidamente democráticas, acusando o sistema de apenas fingir adotar valores democráticos, como tática de engano. O artigo de Lídia Maia *et al.* (2023, p. 8) sobre os grupos antivacina mostra, aí, o uso do argumento do “direito de livre escolha natural de decidir se vacinar ou não” – em que os participantes, entretanto, calam a necessidade da vacina como proteção social. Qualquer limite jurídico ou social leva os negacionistas a defender seu próprio discurso autoritário pelo direito à liberdade de expressão.

Em torno do sistema político é construído, assim, um discurso de ódio, desqualificando decisões do STF e de instituições governamentais. Essa processualidade induz tomadas de posição intolerantes e polarizadoras, com uma tendência de transformar diferenças de opinião em gestos de ruptura radical.

A lógica comunicacional

O processo resulta, então, em uma resposta específica ao que caracterizamos, no início deste artigo, como o “desafio comunicacional” de articular a diversidade dos participantes de uma situação.

Efetivamente, as bolhas da internet compõem um “em comum” para toda aquela diversidade de pessoas que participam. Entretanto, o método de articulação é deformador, na medida em que não articula *as singularidades* dos participantes. Ao contrário, as singularidades – expressas sociologicamente pela diversidade da inserção social e psicologicamente pela diversificação de personalidades e de experiências de vida – são radicalmente desimportantizadas, inclusive pelos próprios participantes, e descartadas por forte desvalorização, em comparação com o valor hipertrofiado da adesão e do pertencimento.

A lógica comunicacional decorrente da processualidade indutora não é sustentada por argumentos ponderados, nem por uma empatia entre participantes que acolham mutuamente suas diferenças. Apenas cria-se, como valor mais alto, uma *convicção dogmática* que afasta dúvidas e hesitações.

Dentro desse ambiente, a expressão que se tornou comum como penalidade para qualquer tomada de posição diversificadora mostra bem a lógica processual em ação: o hesitante que pondera é *cancelado* do convívio com os demais.

A lógica comunicacional – no sentido de modo de constituição de um “em comum”, de ação conjunta, de comportamento, atitudes e pensamento dos participantes – tem assim a força aglutinadora de se tornar incontrastável.

Em articulação com essa composição interna, as relações externas, com participantes sociais não pertencentes à bolha, são de uma recusa radicalizada. Não por acaso, já que o elemento aglutinador é justamente essa recusa. Qualquer composição com ideias e procedimentos “externos” seria uma traição à “causa” comum. Esse aspecto de rompimento se torna muito evidente nas brigas familiares – laços de parentesco ou de amizade passam a ser cortados por uma fronteira de alheamento ou de agressividade.

Os dois âmbitos de interação, interno e externo, se reforçam mutuamente – todo esforço de ponderação ou, mais ainda, de argumentação, se torna imediatamente ocasião de reforço das convicções dogmatizadas. É nessa perspectiva que a expressão “negacionismo”, que foi cunhada principalmente para referir uma posição sobre a pandemia e o uso da vacina, tem um



sentido mais abrangente, com adequação para caracterizar a lógica de sustentação da extrema direita e de sua postura fascista.

O negacionismo

O que caracteriza o processo negacionista é a posição de recusar o estado das coisas, com a finalidade única de sua destruição, sem explicitar um projeto de sociedade. A estrutura dupla do processo – uma articulação interna em padrão dogmático, e o correlato repúdio de quem não compartilha essa posição – se compõe com outros aspectos.

Não apenas as singularidades se tornam desimportantes, como se constitui um esvaziamento da atenção dos próprios participantes, empobrecendo sua percepção do mundo e tolhendo sua sensibilidade para urgências e projetos outros – o envolvimento arrisca-se tornar totalizante. Em consequência, reduz-se a competência para ajustes diante de estímulos do entorno, resultando em perda de flexibilidade adaptativa.

Assim, a processualidade leva os participantes das bolhas a uma perda de competências diversificadoras que são importantes para as necessidades adaptativas da espécie. Na situação geral de instabilidade e de anomia que apontamos, precisaríamos inversamente de uma ampliação das competências de investimento criativo, de uma sensibilidade perceptiva para a descoberta de caminhos, de uma flexibilidade interpretativa sobre os problemas sociais concretos, e de respostas comunicacionais voltadas para a articulação das singularidades inusitadas – percebendo questões e reinventando respostas até conseguir desenvolver novas estratégias para o enfrentamento das necessidades mais prementes do ambiente social.

A adesão ao fascismo se mostra como negação dos próprios problemas sociais que seria preciso enfrentar. Prefere-se uma recusa do reconhecimento das dificuldades, como solução simplista e incompetente – como foi feito pelo então presidente em relação à pandemia e à vacinação.

Hoje, vencido o risco de golpe de estado, constatamos, entretanto, que a onda negacionista se instalou como uma espécie de novo contexto – somando-se às características da complexidade do cenário atual. Embora em redução numérica, como parecem mostrar as pesquisas eleitorais, ainda fazem circular discursos de ódio e estimulam ações explícitas de truculência e agressão.

O fascismo atual se sustenta no gesto recusador – negacionista.





E a experiência sensível?

Certamente há espaço para ocorrência de experiência sensível em toda essa processualidade. Desde o estado de disponibilidade para o discurso e o engajamento na resposta autoritária observamos a possibilidade dessa presença. O estado de anomia e desalento diante da conjunção de aspectos de instabilidade e indefinição dos processos culturais até a sensação atônita de um ambiente atravessado por uma pletora informacional descontrolada, as reações de medo, hesitação, insegurança e ressentimento são da ordem do sensível. Entretanto, as características do processo negacionista constroem a potencialidade da experiência sofrida, impedindo a alternativa de que a dúvida e a sensação de insegurança sejam canalizadas para uma resposta às injunções da vida por meio de um investimento criativo.

A produção de respostas culturais de enfrentamento só é investimento afetivo criativo quando busca constituir um *em comum* no qual possam se somar as competências e energias dos participantes, na forma de projetos pelos quais os desafios e ameaças do mundo sejam enfrentados na sinergia de um trabalho conjunto. Um certo grau de sensatez (elemento racional natural do senso comum pela característica de buscar pertinência entre problema e previsão de soluções) também é requerido, para assegurar uma qualidade ética, com o objetivo de superar a opressão entre as diferenças.

Tais mecanismos estão claramente ausentes do “projeto” negacionista. As convicções dogmáticas têm certamente uma energia avassaladora, suficiente para acionar forças e concentrar emoções na direção de seu objetivo. Isso corresponde ao que caracterizamos como processo comunicacional, pois viabiliza uma ação em comum.

Por outro lado, Signates (2024, p. 189) assinala a importância de “compreender uma comunicabilidade que reivindica incomunicabilidade”. Entendo que o modo articulador de ordem dogmática, o processo totalizante que desassiste as singularidades, a construção sistematizada de inimigos, são processos desta ordem – tolhendo ações de investimento criativo e resultando nessa comunicação amputada. O despreço pelas diferenças internas enrijece a experiência sensível dos participantes e constrange sua competência diversificadora – em consequência, sua própria autopercepção. Talvez por tais características, a estética do fascismo envolve sempre uma simbologia de poder, de violência e de morte.



6. Em conclusão

Os dois objetivos deste artigo eram observar a presença do aspecto estético em minha perspectiva de conhecimento comunicacional; e complementar essa percepção por uma análise da ascensão fascista no cenário contemporâneo. Este segundo objetivo expressa uma questão praxiológica. Refletir sobre um problema que põe em risco a democracia brasileira, implica não só uma busca de apreensão de suas lógicas comunicacionais, mas também um encaminhamento voltado para respostas a esse problema – em termos igualmente comunicacionais.

No âmbito da esfera pública, os encaminhamentos se desenvolvem no ambiente interacional de seus espaços institucionais. Mas há um aspecto de ordem cultural que implica o enfrentamento direto do desafio da articulação entre singularidades sociais: a busca de articulações plurais e diversificadoras, contra escolhas invasivas e totalizantes.

Estar do lado não atendido da humanidade não é necessariamente desalentador – pode ser uma dinâmica, embora dura, de reivindicação e de luta por direitos, direcionando a experiência sensível do sofrimento para invenções criativas (artísticas, políticas, intelectuais, culturais ou de simples enfrentamento direto dos problemas), o que já justifica uma existência. Este deve ser o enfrentamento das próprias condições da anomia, que esvaziam a energia necessária para iniciativas de investimento criativo.

Os enganados – ainda que se compreenda a situação que os disponibiliza para serem envolvidos – não são isentos de culpa, quando concretizam em ações sua adesão à truculência. Mas creio que uma curadoria para a tendência negacionista não pode se concentrar apenas no controle jurídico das consequências. É preciso também um investimento criativo na modificação cultural das situações de anomia.

Não há campanha de esclarecimento nem propaganda política que possa trazer os enganados para uma valorização dos modos democráticos do exercício político-cultural. A democracia não pode ser apenas concessiva. Deve se reafirmar como espaço favorecedor de projetos diversificados, por meio de um investimento criativo gerador de padrões de convivência ética entre os que divergem. As pessoas são mais felizes quando conseguem manter em aberto possibilidades plurais na escolha de espaços de pertencimento – e enfrentam melhor seu sofrimento quando encontram espaço para reivindicar seus projetos próprios.

Apenas uma abertura político-cultural do direito de acesso a essa busca pode superar a anomia viabilizadora das aventuras totalitárias.



Referências

- ARENDT, Hannah. **The Human Condition**. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, [1958] 2018.
- BRAGA, José Luiz. Comunicação como trabalho da diversidade (perspectiva e metodologia). **MATRIZES**, 16(3), 87-104, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizess/article/view/200818/190135>
- BRAGA, José Luiz. O desafio da interação humana e os processadores comunicacionais. **E-Compós**, v. 26, 1–17, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.2784>.
- BRAGA, José Luiz. Comunicação gerativa: um diálogo com Oliver Sacks. **MATRIZES**, 11(2), 35-55, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizess/article/view/133655/133365>.
- ECO, Umberto. O fascismo eterno. Reproduzido em **Opera Mundi** em 2016, 1995. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/permalink/43281>. Acesso em: 15 maio 2019.
- FOUCAULT, Michel. Le jeu de Michel Foucault. Entrevista dada à revista *Ornicar*? In: Michel FOUCAULT, **Dits et écrits**. Tome III. Paris, Gallimard, [1977] 1994. p. 298-329.
- LUHMANN, Niklas. Sobre os fundamentos teórico-sistêmicos da teoria da Sociedade. In BAETA NEVES, Clarissa e SAMIOS, Eva (Org.), **Niklas Luhmann: a nova teoria dos Sistemas**, Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, Goethe-Institut/ICBA, 1997. p. 60-74. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/242209/000152200.pdf>. Acesso em julho de 2023
- MAIA, Lídia; Oliveira, Thaiane; Massarani, Luísa; Santos Júnior, Marcelo. A contestação às vacinas contra Covid-19 em grupos do Telegram no Brasil. **Intexto**, n. 55, e-127361, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1807-8583.55.127361>. Acesso em dezembro de 2022.
- SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SIGNATES, Luiz. **Metateoria das Tensões Comunicacionais**, Tese de Titularidade, UFG, Goiânia, Goiás. Inédito.
- SEMINÁRIO. Mesa de debate sobre Epistemologias do sensível: sustentar o comum. Evento: **Seminário de Comunicação e Experiência Estética: epistemes, materialidades e fabulações**. ESPM, São Paulo, setembro de 2024.